

SUCESSÃO: FH se abre

Continuação da 1ª página

EXPEDITO FILHO

BRASÍLIA— O intelectual FH imagina a possibilidade de a economia mundial estar diante de uma das crises cíclicas do capitalismo, que se repetem de décadas em décadas. Se assim for, avalia que não haverá mais dinheiro sobrando no mundo para, a partir de 2003, financiar o crescimento de países subdesenvolvidos como o Brasil. O sociólogo espanta-se com a queima quase que instantânea da mais valia da economia americana, verificada com a recente desaceleração nas terras de tio Sam.

O resultado disso, na sua visão, levará a uma nova estratégia, complementar é verdade, embora muito diferente de tudo que foi feito até agora. Nada de receita privatista e internacionalista da dupla Malan-Fraga. Com a confirmação da recessão americana, o cientista social prevê o retorno do intervencionismo estatal e do nacionalismo — postura mais próxima da de José Serra. A hegemonia dos mercados sobre o Estado, preconizada por Adam Smith, dará lugar e vez a uma política intervencionista, estadista, inspirada no economista do pós-guerra John M. Keynes. Estima que os keynesianos como Serra terão mais chances de êxito. Poderão levar o Brasil a uma política econômica voltada para o mercado interno, ainda que com alguma inflação. Nesse modelo autárquico, a dependência do financiamento externo diminui, mas o crescimento, em contrapartida, torna-se uma incógnita.

Ainda que prefira esperar a virada do ano para ver se a profecia sociológica se realiza, o presidente FH recolhe aqui e ali impressões sobre uma eventual vitória da oposição. O sociólogo FH não vê aí muitas novidades. Itamar Franco vira sinônimo de nacionalismo atrasado. Ciro Gomes de despreparo e a Garotinho cabe o papel de porta-voz do lúmpen. Na sua avaliação, os três buscam viabilizar-se no inconsciente coletivo como os salvadores da pátria.

Lula— Mas é pelo cálculo político do presidente que se explica a torcida para que o PT de Luiz Inácio Lula da Silva seja o adversário do segundo turno. Seria a repetição de uma disputa conhecida, com resultado sempre favorável para o cacique do tucanato. Mesmo no caso de uma derrota, raciocina o presidente, o risco de revanchismos de ocasião estariam afastados. O sociólogo, nessa esquizofrenia que o poder produz, não raciocina com esses valores. Enxerga na ascensão do petismo uma ética moderna, contribuição inovadora que trouxe novo oxigênio à política brasileira. Mas teme que o PT não seja capaz de entender o paradoxo que faz com que o Brasil se dife-

rencie do resto do mundo. Aqui, os partidos são fracos, mas o Congresso é uma fortaleza. Governar sem maioria é uma aventura de desfecho previsível. O governo ou não termina ou termina mal.

O sociólogo acredita que a situação da Argentina, entre a desvalorização e a moratória, precisa ser definida o quanto antes, para que não haja contágio entre o tango de lá e o samba daqui, durante a campanha eleitoral. Procurou no ex-presidente Bill Clinton o apoio para que a Argentina obtenha no FMI os US\$ 40 bilhões necessários para honrar os contratos. É o remendo necessário para uma desvalorização de 40% em uma economia que tem US\$ 100 bilhões em contratos. Clinton falou com Stanley Fisher e até mesmo com o atual presidente americano. Os homens fortes de George W. Bush recomendaram a moratória como sendo a melhor saída para os nossos vizinhos. Argumentam que já botaram dinheiro demais em Buenos Aires sem retorno. Aqui escamoteia-se o motivo real do descaso dos EUA com o que se sucederá na Argentina. Explica-se: os bancos que ficarão no prejuízo, no caso de uma moratória, são quase todos de nacionalidade européia. Sendo assim, o *cowboy* Bush aperta o gatilho sem vacilar, contrariando a teoria de neoliberais brasileiros de que é muito mais fácil lidar com republicanos do que com democratas. Já o Brasil, revela o sociólogo em sua análise, não teve qualquer dificuldade em conseguir o sinal verde para os US\$ 15 bilhões que embolsou do FMI.

Escolhas — Ao olhar no retrovisor, o professor FH busca na história dos dois países as razões para o descompasso de nossos *hermanos*. A diferença estaria nas escolhas feitas no pós-guerra. Ensina o sociólogo que Argentina trocou o amparo da Inglaterra, que a tratava como uma de colônias, como a Nova Zelândia para citar apenas um exemplo, por uma aposta na Alemanha nazista. Enquanto, nós aqui, pelas mãos de Getúlio Vargas, nos cacifamos com os americanos.

Há ainda, para o sociólogo, uma outra diferença fundamental: o comportamento das duas elites. A portenha foi incapaz de produzir um projeto de estado, embora tenha até erguido um país rico, quase europeu, que sumiu na poeira da história. A brasileira de Getúlio a Geisel, passando por Juscelino e Castello, sempre teve mais que um esboço, na verdade, um projeto de Brasil, ainda que isolado no extremo ocidente e profundamente injusto.

É assim, olhando como já estivesse longe do poder, mais preocupado em narrar do que em fazer história, FH encerrou o almoço e recolheu-se à solidão do poder e ao silêncio de presidente.